

MARÇO 2021

RADAR SOCIOAMBIENTAL

ENTREVISTA COM
ANA TONI



PLATAFORMA
SOCIOAMBIENTAL

Autoras: Beatriz Mattos, Carolina Alves,
Maria Beatriz Peixoto Mello, Priscilla Papagiannis
Plataforma Socioambiental

SOBRE A PLATAFORMA SOCIOAMBIENTAL

A Plataforma Socioambiental é um programa desenvolvido pelo Brics Policy Center (BPC), o Centro de Estudos e Pesquisas BRICS, do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. É um espaço de aprendizagem e troca de conhecimento cujos projetos se dedicam à pesquisa e à promoção de debates e diálogos entre diferentes setores acerca de temas como mudanças climáticas, modelo de desenvolvimento e desigualdades, bancos de desenvolvimento e salvaguardas, entre outros.

RADAR SOCIOAMBIENTAL

O Radar Socioambiental é uma publicação mensal da Plataforma Socioambiental cujo foco é discutir assuntos importantes para a temática socioambiental nos âmbitos doméstico e internacional. Em sua 42ª edição, o Radar Socioambiental apresenta trechos da entrevista realizada com Ana Toni, diretora executiva do Instituto Clima e Sociedade (iCS), doutora em Políticas da Economia Mundial pela London School of Economics and Political Science e graduada em Economia e Estudos Sociais pela Universidade de Swansea. A entrevista, que ocorreu em março de 2021 e foi conduzida pela Equipe da Plataforma Socioambiental, discute sobre os rumos da Governança Climática após o retorno dos Estados Unidos ao Acordo de Paris com o presidente Joe Biden.

OS ESTADOS UNIDOS E O ACORDO DE PARIS

Plataforma Socioambiental (Beatriz): A temática ambiental e climática vem se mostrando cada vez mais presente na agenda política dos países. A retirada dos Estados Unidos da América (EUA) do Acordo de Paris já era uma promessa de campanha de Donald Trump, enquanto o retorno do país para o Acordo também foi uma promessa de campanha de Joe Biden. Quais são as principais implicações do retorno dos EUA para o Acordo de Paris para o regime internacional do clima?

Ana Toni: Acho que o retorno dos EUA ao Acordo de Paris tem dois simbolismos. O primeiro ponto a ser destacado é que os EUA nunca deveriam ter saído do Acordo de Paris. Esse retorno não deve ser visto como algo festivo, mas como algo que traz aos EUA uma imensa responsabilidade, gerando cobranças por parte de outros atores, considerando que o país deveria ter participado do acordo nos últimos 4 anos. Claro que nós celebramos esse momento, mas também precisamos cobrar pelo prejuízo que foi causado a todos nós e ao mundo pela retirada do país do acordo. Então, é claro que o retorno é bem-vindo, mas não devemos deixar de cobrar pelo atraso dos últimos 4 anos, considerando que Paris é um acordo celebrado entre países e não apenas entre governos.

“ (...) Os EUA nunca deveriam ter saído do Acordo de Paris. Esse retorno não deve ser visto como algo festivo, mas como algo que traz aos EUA uma imensa responsabilidade, (...) considerando que o país deveria ter participado do acordo nos últimos 4 anos. ”

O segundo ponto é que os EUA voltam, mas com um entendimento da dimensão de clima muito maior do que o de antigamente. O tema vem sendo trazido para o centro dos debates geopolíticos internacionais, bem como para o centro do debate econômico e social doméstico, elevando-se a um outro patamar de importância. Será muito interessante observar como essa centralidade da questão climática irá influenciar o acordo e o regime como um todo. Então são esses dois lados que eu venho monitorando dia a dia para compreender como os EUA irão se posicionar em meio ao regime de clima.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS NOS EUA

Plataforma Socioambiental (Carolina): Considerando o combate às mudanças climáticas como um tema prioritário na agenda do governo Biden, você acredita que podemos esperar por mudanças positivas também no legislativo dos EUA?

Ana Toni: Biden, ainda durante a eleição – e acho que foi o primeiro presidente a fazer isso abertamente – trouxe para a sua campanha eleitoral as mudanças climáticas como alavanca na tentativa de se tornar presidente. Biden ganhou a eleição com essa pauta. Não foi como o caso de [Barack] Obama, quando esta pauta estava mais escondida na campanha eleitoral, pelo contrário. Então, esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto importante é que os democratas ganharam tanto a Câmara quanto o Senado, o que confere a Biden a possibilidade de não apenas aprovar muitas iniciativas sobre o tema por meio de decretos presidenciais, assim como fez Obama, mas também de criar leis. Sabemos que é muito mais difícil mudar leis do que mudar decretos, isso não se faz apenas com uma “canetada” a cada governo, pelo contrário, para mudar leis é necessário convencer um congresso inteiro.

Ana Toni: Acho que Biden tem essa oportunidade, mas acredito que a pergunta seria: o quanto ele usará ou não essa prerrogativa? Daqui a dois anos, teremos uma eleição para Câmara [1]. Então precisamos questionar se com a pauta de clima de Biden conseguirá manter a maioria do parlamento e do Senado. Isso ainda não está claro.

Contudo, está ficando cada vez mais claro como o tema das mudanças climáticas será trazido para a agenda doméstica dos EUA, no que diz respeito aos temas econômicos, à geração de empregos... Para isso, o governo selecionou uma equipe incrível para a pasta de Energia, Economia, Agricultura... Para todos os ministérios foram escolhidas pessoas com uma grande capacidade de abordar as mudanças climáticas de uma maneira transversal, inclusive na área de Defesa e da representação internacional.

Acredito que eles estão medindo o quanto essa agenda será eleita pelos republicanos como uma anti-agenda *versus* o quanto eles vão conseguir fazer com que se torne uma agenda relevante para os dois partidos – considerando o surgimento de novos lobbies na área de energia renovável, de carros elétricos, o que vai mudando o tipo de representação parlamentar. A pergunta é se o Biden já começará isso agora ou se irá esperar a próxima eleição parlamentar para saber se terá a maioria ou não.

“ (...) *Precisamos questionar se com a pauta de clima de Biden conseguirá manter a maioria do parlamento e do Senado. Isso ainda não está claro. Contudo, está ficando cada vez mais claro como o tema das mudanças climáticas será trazido para a agenda doméstica dos EUA.* ”

OBAMA VS. BIDEN

Plataforma Socioambiental: No seu ponto de vista, haverá diferenças significativas entre a política climática de Biden em relação à política de Obama? Você acredita que os EUA irão apresentar maior ambição em termos de metas climáticas com o governo Biden?

Ana Toni: Não tenho dúvidas, acho que teremos muitas continuidades. Estamos monitorando quem serão os novos secretários, os representantes dos ministérios, mas há muita gente que trabalhou no governo Obama – e não poderia ser diferente, lembrando que Biden foi o seu vice – então podemos esperar por muitas continuidades em termos de pessoas, conhecimento e áreas prioritárias. Mas essas pessoas chegam tendo que cumprir o atraso nos últimos 4 anos e o mundo mudou, tanto com relação aos dados sobre os perigos das mudanças climáticas, quanto à inserção desse tema nas agendas econômicas e no setor financeiro, ou seja, é um outro momento histórico.

“*Acredito que haverá continuidade, mas também muito mais ambição, considerando que isso foi pautado eleitoralmente. (...) A grande pergunta será se o governo Biden conseguirá trazer a agenda climática também para a área legislativa.*”

Acredito que haverá muita continuidade, mas também muito mais ambição, considerando que isso foi pautado eleitoralmente. Creio que será uma agenda complementar a de Obama e que a grande pergunta será se o governo Biden conseguirá trazer a agenda climática também para a área legislativa. Naquele momento, isso não foi possível para (...)

Ana Toni: (...) Obama, o que fez com que Trump, com apenas uma “canetada”, retirasse os Estados Unidos do Acordo de Paris. Veremos como Biden irá assegurar que isso não aconteça daqui a 4 ou 8 anos e isso só será possível criando força política na sociedade para a pauta e, claro, mediante a criação de leis para assegurar as políticas ambientais.

Estou muito otimista. Creio que no Brasil estamos precisando de otimismo, porque a pauta ambiental e climática anda muito ruim: é tanta destruição, tanto desmatamento, a mudança recente na NDC [2] brasileira... Acho que qualquer acontecimento positivo que ocorre lá fora nos dá muita esperança que possa acontecer também aqui no Brasil daqui a 2 anos e 10 meses. É isso que eu desejo para a nossa pauta climática com essa ambição que os EUA estão demonstrando.

“Acho que qualquer acontecimento positivo que ocorre lá fora nos dá muita esperança que possa acontecer também aqui no Brasil daqui a 2 anos e 10 meses. É isso que eu desejo para a nossa pauta climática com essa ambição que os EUA estão demonstrando.”

NOTAS

[1] Em 2022, os Estados Unidos terão eleições para os assentos da sua Câmara de Representantes, que é equivalente à Câmara de Deputados no Brasil.

[2] NDC é a sigla em inglês para Contribuição Nacionalmente Determinada. Cada país signatário do Acordo de Paris define a sua própria NDC, refletindo suas metas para a redução de emissão dos gases de efeito estufa.

RADARES E ESTUDOS



Leia as publicações da Plataforma Socioambiental! Publicamos o terceiro estudo do Observatório dos Subnacionais, sobre as políticas ambientais e climáticas do Distrito Federal. Também publicamos mensalmente um novo Radar Socioambiental.

Clique na imagem para ter acesso a página da Plataforma no site do Brics Policy Center e as demais publicações.

PODCASTS



O 42º Radar Socioambiental apresenta trechos da entrevista realizada com Ana Toni para o Episódio 7 do Meio Descomplicado, o Podcast da Plataforma Socioambiental.

Clique na imagem para acessar esse e os outros episódios do Meio Descomplicado.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Ana Toni por aceitar o nosso convite para a entrevista, por ceder seu tempo e seu saber conosco.

Gostaríamos de agradecer ao Instituto Clima e Sociedade (ICS) pelo apoio concedido para a realização do Podcast e das publicações.

Por fim, demonstramos nosso agradecimento ao Thiago Correa pela assistência prestada ao Meio Descomplicado, o Podcast da Plataforma Socioambiental.



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

